

## As técnicas de exame psicológico ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores

*Iraí Cristina Boccato Alves<sup>1</sup>*

*João Carlos Albieri*

*Keila Cristina Marques*

---

### Resumo

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o Ensino das Técnicas de Exame Psicológico no Brasil, originada nas discussões da Câmara Interinstitucional de Avaliação Psicológica, criada pelo Conselho Federal de Psicologia. Primeiramente foi solicitado aos Coordenadores dos Cursos de Psicologia para enviarem os programas oficiais das Disciplinas de Avaliação Psicológica. Depois, um questionário foi respondido pelos professores dessas disciplinas. Este trabalho apresenta os dados das respostas dos professores sobre que testes ensinam e quais os que eles consideram que deveriam compor o conteúdo básico ou mínimo de avaliação psicológica para uma boa atuação profissional. Foram recebidos 184 questionários, de 172 professores, de 62 cursos diferentes. Os resultados indicaram que o número médio e a variedade de testes ensinados é maior do que o que os professores consideram como conteúdo básico ou mínimo, mas há uma semelhança entre as listas de testes mais ensinados e aqueles indicados como básicos.

*Palavras-chave:* Avaliação Psicológica; Ensino de Testes Psicológicos; Formação do Psicólogo.

### Teacher's perspective about teaching of psychological assessment techniques

#### Abstract

This study is part of a broader research about Teaching Psychological Assessment Techniques in Brazil, arisen by discussions made at the Psychological Assessment Interinstitutional Chamber created by Psychology Federal Council. We firstly asked the Psychological Assessment Program's Heads to send their official programs containing data about the content of their courses. At a second moment, questionnaires were sent to these teachers. The aim of this paper is to present data on teacher's answers about which psychological tests are actually taught as well as other contents they consider should be taught in order to provide adequate professional performance. We received 184 questionnaires from 172 teachers, teaching in 62 courses. Results evidenced that teachers teach a bigger and broader range of tests than what was considered basic to an adequate professional performance in this area. It was also found similarities between what is considered basic and what is actually taught in the graduation examined courses.

*Keywords:* Psychological Assessment; Psychological Tests Teaching; Psychologists Formation.

---

### Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o Ensino das Disciplinas de Avaliação Psicológica no Brasil. Ela se originou nas discussões da Câmara Interinstitucional de Avaliação Psicológica, criada pelo Conselho Federal de Psicologia, tendo em vista conhecer a situação do ensino nessa área, principalmente em função da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e das mudanças

ocorridas nos currículos dos cursos de Psicologia a partir dessa lei.

Considerando que, de acordo com a lei que regulamenta a profissão de Psicólogo, a utilização de métodos e técnicas psicológicas, entre os quais estão incluídos os testes psicológicos, constitui a única função privativa do psicólogo, é necessário saber que técnicas estão sendo ensinadas nos diferentes cursos. Como existe um grande número de técnicas, que avaliam características diferentes e aplicáveis em diversas áreas de atuação do psicólogo, não é possível ensinar todas as

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência:

Instituto de Psicologia da USP

Av. Professor Mello Moraes, 1721, Cidade Universitária - São Paulo/SP - 05508-900.

e-mail: [iraicba@usp.br](mailto:iraicba@usp.br)

técnicas, o que leva à necessidade de selecionar quais devem ser ensinadas durante o curso de graduação. Desse modo, é importante saber o que está sendo ensinado e qual a opinião dos professores sobre as técnicas, que eles consideram como essenciais para a formação do psicólogo. Em 1995, Jacquemin já destacava “a necessidade urgente de se definir, em nível nacional, uma programação mínima que todo psicólogo deveria conhecer” (p. 19). A esse respeito, Custódio (1995, p. 30) é favorável a que se ensine “poucas técnicas e em profundidade, para que os conhecimentos aprendidos em algumas possam ser generalizados”.

Embora o problema do ensino na área de Avaliação Psicológica seja um tema que tem preocupado os professores há muito tempo, conforme se tem constatado nos Congressos desta área, como o do I Encontro sobre Testes Psicológicos do CRP 07 no Rio Grande do Sul em 1986, é muito pequena a literatura sobre o assunto. Os Congressos têm geralmente um espaço reservado para reunião dos professores que trabalham na área ou algumas Mesas Redondas, nas quais se discute o assunto. Algumas tentativas foram feitas para obter dados sobre o ensino, podendo-se destacar o questionário elaborado por Custódio apresentado aos participantes dos “I e II Encontro de Técnicas de Exame Psicológico: Ensino, Pesquisa e Aplicações”, realizados em 1994 e 1996; e o questionário elaborado por Guzzo no “VII Encontro Nacional sobre Testes Psicológicos” em 1997. Os resultados desses dois levantamentos ainda não foram divulgados.

Podemos ainda destacar duas outras iniciativas de trabalhos. Uma delas refere-se a uma pesquisa não publicada sobre o “Ensino de Testes Psicológicos nas Universidades do Rio Grande do Sul”, realizada por Bandeira, Argimon, Alchieri, Oliveira & Werlang. O outro trabalho foi apresentado por Castro no “III Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach”, publicado em 1998, relativo ao “Ensino de Rorschach em uma amostra brasileira”. Em seu trabalho constatou que 68% dos cursos de sua amostra ensinam o Rorschach. Concluiu que em relação ao Rorschach é necessário oferecer uma especialização no teste em um sistema de classificação definido, além da necessidade de que o aluno desenvolva atividades práticas de aplicação, cotação e interpretação, ressaltando a necessidade de supervisões com um professor especialista.

Em relação aos trabalhos realizados sobre o ensino de Técnicas de Exame Psicológico podemos mencionar os de Custódio & Duarte (1986), Calejon & Vistué (1994), Rocha Jr. (1994), Lima (1994), Bueno (1995), Jacquemin, (1995), Custódio (1995), Schwartz

(1996), Rocha Jr. & Castro (1997), Souza (1997), Avoglia (1997), Bromberg (1997), Avoglia, Castro & Custódio (1999), Gomes & Noffs (1999), Alves (2000), Castro (2001), Calejon & Santos (2001), Lima (1999, 2001). As principais preocupações discutidas nesses artigos e nos Congressos da área são referentes a: quais testes devem ser ensinados, quantas disciplinas são necessárias, como ensinar, como devem ser desenvolvidas as atividades práticas, quem deve ser o sujeito da prática, qual o papel do monitor, qual deve ser o número máximo de alunos por turma, qual a bibliografia utilizada, etc.

Jacquemin (1995) também destaca a necessidade do conhecimento da fundamentação teórica dos testes e de modificar a maneira de ensinar, valorizando a formação profissional e não a quantidade de informação dada. Além disso, lembra a proposta de Kroeff (1988) de que o ensino de testes seja integrado com conteúdos da Psicologia, como, por exemplo, ensinar escalas de desenvolvimento junto com Psicologia do Desenvolvimento.

Em pesquisa destinada a conhecer a visão dos alunos do Curso de Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre a utilização dos testes psicológicos, Pacheco e Takahashi (1999) constataram que os alunos não pretendem utilizar os testes na sua prática profissional e acham que os instrumentos não são confiáveis e seguros para avaliar as capacidades e a personalidade. Tais resultados indicam que os problemas na área podem estar no tipo de informação que o aluno recebe durante o curso e como, nessa área, a formação não está sendo adequada. Em relação à problemática da formação profissional Pasquali (1999) adverte que essa área tem sido relegada a um segundo plano e que os profissionais entram no mercado de trabalho sem o devido treinamento, mas com a exigência de ação imediata e garantia de qualidade, tarefa para a qual não estão preparados.

Considerando os dados apresentados, este trabalho pretende conhecer a real situação do Ensino das Técnicas de Exame Psicológico no Brasil com base nas informações e opiniões dos professores da área. Esta pesquisa constou de duas etapas. Na primeira foi solicitado aos Coordenadores de todos os cursos de Psicologia no Brasil para enviarem os programas oficiais das Disciplinas da área de Avaliação Psicológica, com a respectiva carga horária e conteúdo. Os resultados referentes aos testes ensinados de acordo com os programas oficiais foram apresentados em um artigo de Alves, Alchieri e Marques (2001). Na segunda etapa foi enviado um questionário que deveria ser respondido por todos os professores que ministravam essas disciplinas. Entre as questões relativas à atividade

docente foi solicitado que o professor respondesse quais as técnicas de exame psicológico ou testes psicológicos, incluindo entrevista e técnicas projetivas, eram ensinadas nas disciplinas que ministrava (questão 11). Outra questão solicitava ao professor que respondesse quais os instrumentos ou técnicas que ele achava que deveriam constar da formação básica ou mínima em avaliação psicológica (questão 23). O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados das respostas dadas pelos professores a essas duas questões.

## Método

### Sujeitos

Os sujeitos foram 172 professores de 62 cursos diferentes, que responderam a 184 questionários, porque alguns trabalhavam em mais de um curso ou porque ensinavam mais de uma disciplina. Entre esses professores 16,8% eram homens e 83,1% eram mulheres. A tabela 1 mostra a distribuição de frequência dos cursos e dos professores que responderam ao questionário, provenientes de 13 Estados do Brasil. Como o maior número de Cursos de Psicologia se concentra no Estado de São Paulo, o mesmo aconteceu com os dados da pesquisa. As regiões onde se concentraram as respostas são sul e sudeste, que também concentram o maior número de cursos no país.

Tabela 1 - Frequência dos cursos e professores por Estado

Estado	Cursos		Professores	
	F	%	F	%
São Paulo	25	40,3	75	43,6
Rio Grande Do Sul	8	12,9	23	13,4
Minas Gerais	7	11,2	26	15,1
Paraná	6	9,7	12	7,0
Rio De Janeiro	3	4,8	9	5,2
Santa Catarina	3	4,8	7	4,1
Pernambuco	2	3,2	8	4,6
Paraíba	2	3,2	3	1,7
Distrito Federal	2	3,2	2	1,2
Mato Grosso Do Sul	1	1,6	3	1,7
Mato Grosso	1	1,6	2	1,2
Ceará	1	1,6	1	0,6
Pará	1	1,6	1	0,6
Total	62		172	

### Instrumento

O questionário era composto por dados de identificação do professor, da sua formação e 31 questões sobre a sua atividade docente. Estas últimas incluíam quais as disciplinas que ministrava, há quanto tempo era docente, quais as atividades práticas desenvolvidas, qual a bibliografia básica, por exemplo.

### Procedimento

Os questionários foram enviados aos coordenadores dos cursos de graduação de Psicologia em todo o Brasil, num total de 123 cursos, conforme relação fornecida pelo Conselho Federal de Psicologia. Na correspondência que acompanhava o questionário era pedido que os coordenadores fizessem cópias dos mesmos e solicitassem aos professores das disciplinas de avaliação psicológica que o respondessem e o enviassem para o endereço indicado. Em geral as correspondências foram enviadas pelos coordenadores,

mas em vários casos os professores enviaram apenas o próprio questionário.

## Resultados

Embora se tenha solicitado que todos os professores que ministram as disciplinas da área respondessem ao questionário, não foi possível saber se todos o fizeram. Entre os questionários respondidos, o número de professores por curso variou de 1 a 10. Para a tabulação dos dados os testes foram considerados apenas uma vez para cada instituição, mesmo que possam ter sido citados mais de uma vez por mais de um professor. As frequências percentuais dos testes foram calculadas em relação ao número total de instituições (62) e não em relação ao número de professores.

As Tabelas 2 a 9 apresentam a comparação da distribuição de frequência dos testes ensinados por tipo

de teste. Os testes foram classificados em testes de inteligência, projetivos, personalidade (não projetivos), interesses, aptidões, de prontidão e psicomotores.

A Tabela 2 apresenta as frequências dos testes de inteligência. Entre os testes ensinados (questão 11) foram citados 24 testes diferentes, sendo os mais

frequentes o WISC (72,6%) e o Raven (62,9%). Seguem-se com frequências menores o Colúmbia (41,9%), o Goodenough-Harris (37,1%), o G-36 (35,5%), o INV (22,6%) e o D-48 (21,0%). Os demais foram citados com frequências menores do que 20%.

Tabela 2 - Testes de Inteligência

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
WISC	45	72,6	30	48,4
Raven (Total)	39	62,9	23	37,1
Colúmbia (CMMS)	26	41,9	11	17,7
DFH (Goodenough-Harris)	23	37,1	8	12,9
G-36	22	35,5	10	16,1
INV	14	22,6	4	6,4
D-48	13	21,0	3	4,4
WAIS	11	17,7	13	21,0
CIA	9	14,5	5	8,1
D. 70	8	12,9	3	4,8
R-1	7	11,3	1	1,6
WPPSI	6	9,7	4	6,4
G-38	6	9,7	2	3,2
Cubos de Kohs	5	8,1	2	3,2
DFH (S. Wechsler)	5	8,1	0	0
WISC III	4	6,4	1	1,6
Barcelona	2	3,2	0	0
Jacyr Maia	2	3,2	1	1,6
Stanford-Binet/Terman-Merrill	2	3,2	5	8,1
Relógios	3	4,8	0	0
Binet-Simon	1	1,6	1	1,6
HTM	1	1,6	1	1,6
OTIS	1	1,6	1	1,6
Eqüicultural de Inteligência	2	3,2	0	0
WAIS III	0	0	1	1,6
S-Binet/Terman Merrill 4 Trad.	0	0	1	1,6
Woodcock Johnson	0	0	1	1,6
Teste de Inteligência - Geral	0	0	23	37,1
Fator G	0	0	9	14,5
Teste Inteligência - Norma Brasileira	0	0	1	1,6
Total	257		164	

Entre os testes que os professores consideraram essenciais (questão 23) foram citados 23 testes e mais três categorias gerais que não especificam os testes. Como nesta questão foi solicitado que os professores indicassem o que consideravam como conteúdo básico ou mínimo, as frequências diminuíram bastante. Os testes mais citados foram o WISC (48,4%), o Raven (37,1%), o WAIS (21,0%), o Colúmbia

(17,7%), o G-36 (16,1%) e o Goodenough-Harris (12,9%). Os demais tiveram frequência menor do que 10%. Entre as categorias amplas foram citadas “testes de inteligência em geral” (37,1%), “testes de fator g” (14,5%). Pode-se observar uma grande coincidência entre as respostas às questões 11 e 23, sendo que o INV e o D-48 não aparecem entre os mais citados na questão 23 e ocorre um aumento da frequência do WAIS.

Entre os testes da tabela 2, o WAIS, o WPPSI, o WISC III, o WAIS III, o Goodenough-Harris, o Stanford-Binet, o Stanford-Binet IV, o OTIS e o Woodcock-Johnson não foram publicados no Brasil, sendo provavelmente ensinados com traduções diversas, o que pode prejudicar seu emprego posterior. Além deles os manuais do WISC (Wechsler, 1964) e dos Cubos de Kohs (Kohs, s/d) publicados no Brasil apresentam as normas americanas, pois não foram feitos estudos normativos no Brasil.

A Tabela 3 mostra a comparação entre as respostas das questões 11 e 23 em relação aos testes projetivos. Para a questão 11 foram citadas 25 técnicas e

uma categoria geral de “testes projetivos gráficos”. Os testes mais ensinados de acordo com os professores, com frequência maior do que 50% são o CAT (71,0%), o TAT (69,3%), e o HTP (61,3%). Aparecem a seguir o Rorschach (46,8%), o Desenho da Família (40,3%), o Wartegg (38,7%), o Desenho da Figura Humana (DFH) de Machover (30,6%), o Teste Zulliger (30,6%), as Fábulas de Düss (25,8%), o Ludodiagnóstico (24,2%) e o Desenho Livre (22,6%). As demais tiveram ocorrência menor do que 20%. O Ludodiagnóstico foi incluído por se tratar de uma técnica de exame psicológico, embora não seja um teste.

Tabela 3 - Testes Projetivos

	Q11		Q23	
	F	%	F	%
Testes				
CAT (Total)	44	71,0	33	53,2
TAT	43	69,3	34	54,8
Http	38	61,3	27	43,5
Rorschach	29	46,8	31	50,0
Desenho da Família	25	40,3	11	17,7
Wartegg	24	38,7	21	33,9
D. Figura Humana - Machover	19	30,6	14	22,6
Teste Zulliger	19	30,6	14	22,6
Fábulas de Düss	16	25,8	10	16,1
Ludodiagnóstico	15	24,2	11	17,7
Desenho Livre	14	22,6	4	6,4
Estórias Madeleine Thomas	10	16,1	2	3,2
Pirâmides de Pfister	9	14,5	6	9,7
Teste da Árvore de Kock	6	9,7	2	3,2
Desenho Livre com estórias	6	9,7	1	1,6
Questionário Desiderativo	5	8,1	0	0
Teste da Casa	4	6,4	0	0
Ômega	3	4,8	1	1,6
SAT	3	4,8	1	1,6
Lusher- Teste das Cores	3	4,8	0	0
Teste de Symonds	3	4,8	0	0
Relações Objetais - Phillipson	1	1,6	3	4,8
MAPS	1	1,6	1	1,6
DFH na Chuva	1	1,6	0	0
Completar Sentenças	1	1,6	0	0
Sceno test	0	0	1	1,6
Desenho Família com estórias	0	0	2	3,2
Técnicas Projetivas - Geral	0	0	16	25,8
T. Projetivos Gráficos - Geral	4	6,4	13	21,0
T. Apercepção Temática - Geral	0	0	5	8,1
Total	346		264	

Quanto às técnicas que os professores consideraram essenciais para a formação (questão 23), as

mais citadas foram: o CAT (53,2%), o TAT (54,8%), o HTP (43,5%), o Rorschach (50,0%), o Wartegg

(33,9%), o DFH de Machover (22,6%), o Zulliger (22,6%), o Desenho da Família (17,7%), o Ludodiagnóstico (17,7%) e as Fábulas de Düss (16,1%). Entre as categorias gerais aparecem as “Técnicas Projetivas” (25,8%), os “Testes Projetivos Gráficos” (21,0%) e os “Testes de Apercepção Temática” (8,1%).

Em relação às Técnicas Projetivas também ocorreu uma queda nas frequências da questão 11 para a 23, embora esta diminuição tenha sido menor do que para os testes de inteligência. Em sua pesquisa sobre o ensino de Rorschach, Castro (2001) encontrou uma frequência de 68% de cursos que ensinam esse teste, portanto um resultado um pouco maior do que os

obtidos nesta pesquisa.

A Tabela 4 apresenta as frequências dos outros testes de personalidade não projetivos. Dos 20 testes citados apenas três foram mais frequentes: o PMK (40,35), o 16PF (24,2%) e o MMPI (16,1%). Quanto aos testes que os professores acham que devem ser ensinados, a lista ficou reduzida a 13 testes e duas categorias gerais. Tendo recebido frequência maior do que 10% apenas os testes PMK (38,7%) e MMPI (16,1%). A categoria geral “Testes de Personalidade” teve frequência de 24,2% e a de Técnicas Expressivas “ 8,1%.

Tabela 4 - Testes de Personalidade

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
PMK	25	40,3	24	38,7
Inventário Personalidade - 16PF	15	24,2	6	9,7
MMPI	10	16,1	10	16,1
Palográfico	5	8,1	3	4,8
Dadahie	4	6,4	1	1,6
Questionário Tipológico QUATI	2	3,2	3	4,8
IFP	2	3,2	2	3,2
Grafologia	2	3,2	2	3,2
LPM	2	3,2	1	1,6
QSG	1	1,6	1	1,6
Questionário Confidencial	1	1,6	1	1,6
Questionário Íntimo	1	1,6	1	1,6
R-4	1	1,6	1	1,6
Cornell Index	1	1,6	0	0
CPS (Comrey)	1	1,6	0	0
Idate (adulto e infantil)	1	1,6	0	0
Inventário de Stress Infantil	1	1,6	0	0
Reprodução de Figuras	1	1,6	0	0
T. Frustração Rosenzweig	1	1,6	0	0
CDI (Children Depression Inventory)	1	1,6	0	0
Técnicas Expressivas	0	0	5	8,1
Personalidade Geral	0	0	15	24,2
Total	78		76	

A Tabela 5 mostra as frequências dos Inventários de Interesses, na qual foram citados oito testes, sendo os mais frequentes o Angelini (32,3%), o Kuder (22,6%), o LIP (17,7%) e o Thurstone (17,7%). Os demais tiveram menção menor do que 10%.

Nenhum dos testes alcançou frequência de 10% na questão 23, mas a categoria geral “Testes de interesse” sem especificação teve 21,0%. Isso mostra que muitos professores consideraram esse tipo de teste importante, mas sem destacar nenhum.

Tabela 5 - Inventários de Interesse

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
Angelini	20	32,3	5	8,1
Kuder	14	22,6	2	3,2
LIP	11	17,7	3	4,8
Thurstone	11	17,7	2	3,2
Geist	4	6,4	0	0
TEV	3	4,8	1	1,6
QVI	2	3,2	0	0
Catálogo de Livros Bessa Tramer	1	1,6	0	0
Interesse geral	0	0	13	21,0
Total	66		26	

Tabela 6 - Testes de Aptidões Específicas

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
Bateria CEPA	25	40,3	8	12,9
DAT	19	30,6	8	12,9
Bateria TSP - Edites	8	12,9	1	1,6
BTAG	4	6,4	0	0
D-2	2	3,2	0	0
BPR-5	1	1,6	0	0
Aptidão Geral	0	0	11	17,7
Testes de atenção	0	0	1	1,6
Total	59		29	

A Tabela 6 apresenta as freqüências dos testes de aptidões específicas, sendo citados seis testes diferentes, mas apenas três obtiveram freqüências maiores do que 10%: a Bateria CEPA (40,3%), o DAT (30,6%) e Bateria TSP da Edites (12,9%). Na questão

23, foram mencionados apenas esses três testes, mas apenas a Bateria CEPA e o DAT tiveram uma freqüência igual a 12,9%. Também foi incluída uma categoria de “Testes de Aptidão”, com 17,7%.

Tabela 7 - Testes de Prontidão

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
TMP (Metropolitano)	10	16,1	5	8,1
IAR	2	3,2	1	1,6
TPL	1	1,6	0	0
TML	1	1,6	1	1,6
Teste ABC	1	1,6	0	0
BTBC (Boehm)	1	1,6	0	0
Reversal Test	1	1,6	0	0
Prontidão - Geral	0	0	1	1,6
Total	17		8	

A Tabela 7 mostra as freqüências dos 7 testes citados, e apenas o Teste Metropolitano de Prontidão (TMP) teve uma freqüência maior do que 10%. Na

questão 23 apareceram apenas três testes e uma categoria geral, mas nenhum deles obteve 10%.

Tabela 8 - Testes Psicmotores

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
Bender	43	69,3	30	48,4
Pré-Bender	10	16,1	6	9,7
Exame Psicomotor	5	8,1	4	6,4
Piaget-Head	4	6,4	0	0
T. Organização Perceptomotora	1	1,6	3	4,8
Retenção Visual de Benton	1	1,6	1	1,6
Figura Complexa de Rey	1	1,6	0	0
Escala de Ozeretzky	0	0	1	1,6
Psicomotor geral	0	0	13	21,0
Total	65		58	

A Tabela 8 apresenta os testes classificados como psicomotores, entre os quais foi incluído o Teste de Bender, pois embora esse teste possa ser usado também para avaliar a personalidade, as respostas não indicavam quais das adaptações do Bender eram ensinadas, assim ele foi incluído na categoria em que ele é mais comumente usado, isto é, como teste perceptivo-motor. Os professores citaram sete testes diferentes, mas apenas o Bender (69,3%) e o Pré-Bender (16,1%) alcançaram frequência superior a 10%. Na questão 23 foram citados seis testes e uma categoria geral, sendo que apenas o Bender (48,4%) superou 10%.

A Tabela 9 apresenta os testes que não se encaixaram nas outras categorias, como o teste de desempenho escolar (TDE), a escala de medo da

escola, o Becasse (que não foi especificado se tratava do teste de prontidão ou o de atitudes socio-emocionais), bem como outras técnicas e conteúdos que os professores consideraram importante acrescentar. Pode-se observar que as frequências desses testes são muito baixas e pouco significativas. Nessa tabela aparecem sugestões diversas, que não puderam ser claramente classificadas. Devem-se destacar, porém, às frequências obtidas pela Entrevista e a Anamnese, que são técnicas importantes para o psicodiagnóstico. Na questão 11 a Entrevista obteve 62,9% e a Anamnese 27,4%. Na questão 23, as frequências foram de 53,2% e 12,9% respectivamente. As demais apresentam porcentagens menores do que 10%, o que as torna pouco significativas.

Tabela 9 - Outros Testes e Conteúdos

Testes	Q11		Q23	
	F	%	F	%
Becasse (indefinido)	3	4,8	1	1,6
TDE (T. Desempenho Escolar)	2	3,2	1	1,6
CBCL	1	1,6	1	1,6
Medo	1	1,6	0	0
Yale Brow	1	1,6	0	0
IECPA	1	1,6	0	0
IAT	0	0	1	1,6
Entrevista	39	62,9	33	53,2
Anamnese	17	27,4	8	12,9
Técnicas de Observação	6	9,7	3	4,8
Psicometria/estatística	5	8,1	9	14,5
Resposta não específica	4	6,4	26	41,9
Provas situacionais	3	4,8	6	9,7
Dinâmica de grupo	3	4,8	3	4,8
T. de orientação profissional	3	4,8	1	1,6
Questionário	2	3,2	1	1,6
Entrevista DSM -IV	1	1,6	1	1,6

T. de seleção de pessoal	1	1,6	1	1,6
Téc/exercício grupal			5	8,1
Ética			3	4,8
Testes nacionais			2	3,2
Instrumentos informatizados			2	3,2
Jogos			1	1,6
Entrelaçamento prática/teoria			1	1,6
Escala de desenvolvimento			1	1,6
Testes área emocional			1	1,6
Técnica ludopedagógica			1	1,6
Testes fatoriais			1	1,6
Total	92		79	

A Tabela 10 apresenta as médias de cada tipo de teste para as questões 11 e 23, bem como a porcentagem de diminuição de frequência da questão 23

em relação a 11. Pode-se constatar que os tipos de testes cuja média de citação diminui mais são os de aptidão, de prontidão e de interesse.

Tabela 10 - Média de tipos de testes nas questões 11 e 23

Tipo de testes	Q11	Q23	%
Projetivos	5,58	4,26	76,34
Inteligência	4,14	2,64	63,77
Personalidade	1,27	1,22	96,06
Interesse	1,06	0,42	39,62
Perceptomotores	1,05	0,93	88,71
Aptidões	0,95	0,47	49,47
Prontidão	0,27	0,13	48,15
Outros	0,14	0,05	35,71
Total	14,46	10,13	70,05

% - porcentagem de redução da frequência da Q23 em relação à Q11

Com base no exame da Tabela 10 pode-se concluir que segundo as informações dos professores são ensinados em média 14,46 testes por curso, sendo 5,58 testes projetivos, 4,14 de inteligência, 1,27 de personalidade, 1,06 de interesse, 1,05 perceptomotores, 0,95 de Aptidões, 0,27 de prontidão e 0,14 outros. Selecionando-se das tabelas os testes mais ensinados na proporção em que aparecem nas médias, conclui-se que são preferencialmente ensinados CAT, TAT, HTP, Rorschach, Desenho da Família e Wartegg, entre os testes projetivos. O WISC, o Raven, o Colúmbia e o Goodenough-Harris, entre os testes de inteligência. O PMK, como um dos testes de personalidade não projetivo. O Angelini, como teste de interesse. O Bender como teste perceptomotor e a Bateria CEPA como testes de aptidões. Os testes de prontidão e os outros tipos de testes aparecem com uma média inferior a 0,5, por isso não foram incluídos nessa relação, que totaliza a média de 14 testes.

Quanto ao que os psicólogos consideram

como mínimo indispensável a ser ensinado aos alunos, chega-se a um total de 10 testes, que consiste em 70% do que é ensinado atualmente. Em relação à lista anterior e pela sua frequência, são excluídos: o Teste da Família e o Wartegg entre os testes projetivos, o Colúmbia e o Goodenough-Harris, que são substituídos por uma pequena diferença, pelo WAIS, o Angelini ou qualquer teste de interesse e a Bateria CEPA ou qualquer teste de aptidão.

### Conclusão

Tendo em vista que não há outras pesquisas sobre o ensino de testes psicológicos para comparar os resultados da presente pesquisa, será feita uma comparação com duas pesquisas nacionais e uma internacional, relativas ao uso dos testes.

Em 1995, Herzberg, Erdman e Becker publicaram os resultados da frequência de utilização das técnicas de avaliação psicológica no

Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Entre as 56 técnicas utilizadas, as 12 mais citadas por mais de 50% de sua amostra foram: o TAT (92%), o WISC (83%), o CAT (83%), o DFH de Machover (67%), o Teste Colorido da Família (67%), o Rorschach (63%), o Bender (63%), o HTP (58%), o Raven Infantil (54%), o Desenho Livre (54%), o Pré-Bender (54%) e o WAIS (50%). É importante lembrar que essa pesquisa se refere apenas aos testes que são usados no contexto da Psicologia Clínica, e pode-se verificar que entre esses testes, oito estão entre os dez mais citados na questão 23.

Noronha (1999) fez um estudo sobre o uso dos testes no Estado de São Paulo pelos psicólogos de diversas áreas de atuação. Tomando por base as respostas obtidas de 214 psicólogos constatou-se que apenas 43% usam testes em sua prática profissional. Os dez testes mais citados em sua amostra foram: WISC, CAT, HTP, Bender, TAT, Wartegg, Rorschach, Desenho-Estória, Raven e Pfister. Novamente se observa semelhança com os instrumentos mais citados da questão 23, havendo em comum sete instrumentos.

Prieto, Muñiz, Almeida e Bartram (1999) fizeram um levantamento sobre os testes psicológicos mais usados na Espanha, Portugal e em mais doze países da América Latina, entre os quais estava incluído o Brasil. Em seu artigo apresentam uma lista de 13 testes: WAIS, WISC, MMPI, Rorschach, Raven, 16PF, Bender, D-48, D.70, DFH de Machover, DAT, TAT e Bender. Comparando-se aos resultados da presente pesquisa pode-se verificar que há uma grande semelhança com os testes mais ensinados no Brasil sendo que seis deles estão entre os 10 mais citados da questão 23.

Comparando-se os resultados desses três estudos com os dados obtidos dos professores brasileiros, constata-se a existência de um consenso em relação ao TAT, ao WISC, ao Raven, ao Rorschach, ao HTP e ao Bender, podendo-se assim considerá-los como indispensáveis para a atuação profissional competente. No entanto, para uma formação mais completa deveriam ser incluídos também o PMK, o WAIS, o Wartegg, o Colúmbia, o Goodenough-Harris, o DFH de Machover, um inventário de interesse e uma bateria de aptidão. Baseando-nos nesses dados consideramos que esses testes poderiam ser indicados para serem incluídos na formação básica ou mínima dos psicólogos em todos os cursos de graduação de Psicologia do Brasil.

Deve-se salientar também que, tendo em vista a grande diversidade de recursos nas diferentes

regiões do país, muitos dos instrumentos apontados acima ainda estão com grandes defasagens em relação a normas e a estudos de atualização. Essa situação pode ser logo revertida com o ingresso de novos instrumentos (as versões do WISC e WAIS revisadas) e outros instrumentos atualmente elaborados pelos laboratórios de Avaliação Psicológica brasileiros nas diversas áreas e finalidades de avaliação (Alchieri & Cruz, 2001).

Atualmente, verifica-se que cabe aos docentes o implemento de uma condição de renovação mais ativa, com a constante atualização de seus programas e a busca incessante de novas estratégias de ensino (Alchieri, Parastchuk & Cruz 2001) que garantam ainda mais a maximização do potencial dos futuros profissionais e a multiplicação de uma ação educativa mais eficaz e eficiente. Temos a certeza de que essas reformulações irão trazer em um curto prazo a modificação deste quadro e com isto, um novo impulso na área irá ser deflagrado.

### Referências Bibliográficas

- Alchieri, J. C. Parastchuk, C. A & Cruz, R. M. (2001). Considerações quanto ao ensino da Avaliação Psicológica. *Anais do IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de Avaliação Psicológica*.
- Alchieri, J. C. & Cruz, R. M. (2001) Recursos técnicos e estratégias utilizadas no ensino da avaliação psicológica nas universidades da região sul do Brasil. *Anais do 28º Congresso Interamericano de Psicologia*. CD-ROM.
- Alves, I. C. B. (2000). As atividades práticas no ensino das Técnicas de Exame Psicológico. *Anais do VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico*, 171.
- Alves, I. C. B.; Alchieri, J. C. & Marques, K. C. (2001). Panorama Geral do ensino das Técnicas de Exame Psicológico no Brasil. *Anais do I Congresso de Psicologia Clínica*, Parte I, 102-106.
- Avoglia, H. R. C. (1997). Observação Participativa como Estratégia de Ensino de Técnicas de Exame Psicológico. *Boletim de Psicologia*, XLVII, 107-110.
- Avoglia, H. R. C., Castro, D. S. & Custódio, E. M. (1999). Avaliação Psicológica e Psicologia Social: relato de uma experiência de ensino interdisciplinar. Programa e Posters. *VIII Congresso Nacional de Avaliação Psicológica. Desafios para um Novo Milênio*, 61.
- Bandeira, D. R., Argimon, I. L., Alchieri, J. C., Oliveira, M. S. & Werlang, B. G. *O Ensino de Testes Psicológicos nas Universidades do Rio Grande do Sul*. Texto não publicado.
- Bromberg, M. H. P. F. (1997). O Ensino das Técnicas de Exame Psicológico: Aspectos Práticos e Metodológicos ou de Quando

- o Sujeito passa a ser Cliente. *Boletim de Psicologia*, XLVII, 107, 101-105.
- Bueno, R. M. G. (1995). Ensino e Pesquisa. *Boletim de Psicologia*, XLV, 102, 23-25.
- Calejon, L. M. & Santos, M. R. M. (2001). Ensino de Testes psicológicos e a formação do psicólogo. *Anais do IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras Técnicas de Avaliação Psicológica*, 164.
- Calejon, L. M. & Vistué, A. (1994). Contribuição do Ensino de TEAP para Construção da Identidade Profissional do Psicólogo. Programa e Resumos. *I Encontro de Técnicas de Exame Psicológico: Ensino, Pesquisa e Aplicações*, 2.
- Castro, P. F. (1998). O Ensino de Rorschach em uma Amostra Brasileira. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21, 1, 46-53.
- Castro, P. F. (2001). Reflexões acerca do ensino e aprendizagem do Rorschach na realidade brasileira. *Anais do IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras Técnicas de Avaliação Psicológica*, 59-60.
- Custódio, E. M. O Ensino das Técnicas de Exame Psicológico. *Boletim de Psicologia*, 1995, XLV, 102, 27-34.
- Custódio, E. M. & Duarte, W. F. (1986). O Ensino de Técnicas de Exame Psicológico nos Cursos de Psicologia. *Suplemento de Ciência e Cultura*, 38, 7, 1055.
- Gomes, I. C. & Noffs, M. H. (1999). O Ensino de Técnicas Projetivas Gráficas no curso de Psicologia em duas instituições, particular e pública. *PSIC – Revista da Vetor Editora*, 1,1, 18-29.
- Herzberg, E.; Erdman, E. P. & Becker, E. (1995). Técnicas de Exame Psicológico utilizadas no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: levantamento realizado em 1994. *Boletim de Psicologia*, XLV, 102, 85-96.
- Jacquemin, A. (1995). Ensino e Pesquisa sobre Testes Psicológicos. *Boletim de Psicologia*, XLV, 102, 19-21.
- Kohs, S. C. (s/d). Cubos de Kohs. Rio de Janeiro: CEPA.
- Kroeff, P. (1988). Síntese de posicionamentos a serem feitos quanto ao uso de testes psicológicos em avaliação psicológica. *Anais da XVII Reunião Anual de Psicologia*, 535-537.
- Lima, R. A. (1994). A Função do Aluno-monitor. Programa e Resumos. *I Encontro de Técnicas de Exame Psicológico: Ensino, Pesquisa e Aplicações*, 4.
- Lima, R. A. (1999). O Reflexo das Atividades Práticas no Processo de Ensino-Aprendizagem das Técnicas de Exame Psicológico. *Programa e Resumos do II Encontro sobre Psicologia Clínica*, 76-77.
- Lima, R. A. (2001). O Reflexo das Atividades Práticas no Processo de Ensino-Aprendizagem das Técnicas de Exame Psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 2, 55-69.
- Noronha, A. P. (1999). Avaliação Psicológica: na visão de psicólogos com diferentes formações profissionais. (Tese de Doutorado). Campinas, SP. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Pacheco, A. L. P. B. & Takahashi, F. (1999). Avaliação Psicológica e sua Instrumentalização na Formação do Psicólogo. Programa e Posters. *VIII Congresso Nacional de Avaliação Psicológica. Desafios para um Novo Milênio*. 42.
- Pasquali, L. Prefácio. In Wechsler, S. M. & Guzzo, R. S. L. (1999). *Avaliação Psicológica. Perspectiva Internacional*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Prieto, G.; Muñiz, J.; Almeida, L. S. & Bartram, D. (1999). Uso de los tests psicológicos en España, Portugal e Iberoamérica. *Revista Ibero-americana de Diagnóstico e Evaluation Psicológica*, 8, 2, 67-82.
- Rocha Jr., A. & Castro, P. F. (1997). A Importância das Atividades Práticas no Ensino de Técnicas de Exame Psicológico. *Anais. VII Encontro Nacional sobre Testes Psicológicos e I Congresso Ibero-Americano de Avaliação Psicológica*, 288.
- Rocha Jr. A. (1994). A Importância das Atividades Práticas para o Aprendizado de Técnicas de Exame Psicológico. Programa e Resumos. *I Encontro de Técnicas de Exame Psicológico: Ensino, Pesquisa e Aplicações*, 3.
- Schwarz, L. R. (1996). A Importância da Vivência na Aprendizagem das Técnicas Projetivas de Personalidade. Programa e Resumos. *II Encontro de Técnicas de Exame Psicológico: Ensino, Pesquisa e Aplicações*, 58.
- Souza, A. S. L. (1997). O Ensino das Cadeiras de Técnicas de Exame Psicológico. *Boletim de Psicologia*, XLVII, 107, 95-99.
- Wechsler, D. (1964). *Escala de Inteligência Wechsler para Crianças*. WISC. Manual. Rio de Janeiro: CEPA.

Recebido em 14/03/2002

Revisado em 15/04/2002

Aceito em 24/05/2002

Sobre os autores:

**Iraí Cristina Boccato Alves** é doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, docente de Graduação e Pós-Graduação na área de Avaliação Psicológica no Instituto de Psicologia da USP, coordenadora do Laboratório Interdepartamental de Técnicas de Exame Psicológico (LITEP) do mesmo Instituto, e editora do Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo.

**João Carlos Alchieri** é mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS, doutorando em Psicologia do Desenvolvimento na UFRGS, professor de Avaliação Psicológica nas Universidades UFRGS, Regional Integrada das Missões e do Alto Uruguai RS, e coordenador do Laboratório de Instrumentos de Avaliação Psicológica (LIAP) na Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS.

**Keila Cristina Marques** é psicóloga pela Universidade Estadual de Maringá/PR, com experiência profissional em clínica e Escola Especial, e está realizando o Curso de Especialização em Neuropsicologia no Departamento de Psicobiologia e Neurologia da UNIFESP.